

5 EM BUSCA DA DELIMITAÇÃO DE SUBÁREAS LEXICAIS BAIANAS

Para o estabelecimento das subáreas linguísticas, como indicado no item 3.4.4, tomamos por base as mesorregiões geográficas do estado da Bahia, embora reconhecendo que os limites linguísticos não correspondem, necessariamente, aos limites político-administrativo. Uma vez delimitadas as nove subáreas lexicais baianas, verificamos que, em alguns casos, ocorreu concentração de formas em determinada região da subárea, o que poderia sinalizar a existência de uma região específica. Nada obstante atestarmos esse fato, deliberamos manter a subárea assim configurada, tendo em vista os critérios estabelecidos.

Como parte conclusiva da análise far-se-á um exame da distribuição das ocorrências no território baiano com o objetivo de identificar possíveis áreas dialetais. Para isso, retomamos os dados constantes das cartas léxicas de subáreas, que perfazem um total de 61 ocorrências, porém, fizemos um recorte utilizando somente 42 lexicas para a elaboração das cartas com traçado de isoléxicas, num total de nove cartas, identificadas como *Subáreas A, B, C, D, E, F, G, H, I*.

Para esta abordagem, são focalizados aspectos linguísticos e extralinguístico.

No que concerne aos aspectos linguísticos, serão considerados:

- a) Diversidade de uso;
- b) Classificação Morfológica;
- c) Etimologia;
- d) Registro/Não registro nos dicionários;
- e) Campo Semântico.

No que concerne ao aspecto extralinguístico, será considerada:

- a) A variação diatópica.

Tendo a perfeita clareza de que os limites linguísticos não coincidem, necessariamente, com os limites geográficos, mas com a finalidade de delimitar as subáreas linguísticas na região da Bahia, tomou-se como ponto de partida a

divisão política proposta pelo IBGE, que estabelece 7 mesorregiões homogêneas, assim denominadas: 1 – Metropolitana de Salvador; 2 – Nordeste baiano; Centro Norte baiano; 4 – Vale São-Franciscano da Bahia; 5 – Extremo Oeste baiano; 6 – Centro Sul baiano; 7 – Sul baiano.

Desse modo, partindo-se da coincidência de usos em uma dada região, agruparam-se as lexias com vistas a identificar a constituição de áreas específicas, do que resultou o estabelecimento de 9 subáreas, assim, delimitadas:

- Subárea A – mesorregiões 1, 2, 3, 6, 7
- Subárea B – mesorregiões 2, 3, 6, 7
- Subárea C – mesorregiões 1, 2, 3, 7
- Subárea D – mesorregiões 1, 2, 3
- Subárea E – mesorregiões 6, 7
- Subárea F – mesorregião 7
- Subárea G – mesorregião 3, 4, 6, 7
- Subárea H – mesorregião 3, 4, 5, 6, 7
- Subárea I – mesorregião 3, 4

Essas subáreas constituem um conjunto de nove cartas nas quais se traçam isoglossas definidoras das áreas. Para a definição de subáreas adotaram-se os critérios descritos na Metodologia (ver item 3.4.4).

Para a análise da constituição de cada subárea parte-se do rol de itens considerados em cada uma delas, tomando-se por base a descrição que se registra nos respectivos **verbetes** estabelecidos no Glossário - vol. 3, dos quais constam as seguintes informações:

- lema em caixa alta, seguido de ponto e em ordem alfabética;
- classificação morfológica em letra minúscula, seguida do conceito, dos pontos em que a lexia foi registrada, entre parênteses e da abonação, quando houver;
- abonação em itálico, seguida, entre parênteses, do(s) ponto(s) de inquérito(s) onde ocorreu o registro;
- conceito registrado em Houaiss (2010);

- registro da forma ocorrente na região, independente de encontrar-se documentada ou não nos dicionários gerais da língua;
- lexia que não se encontra dicionarizada, indica-se [ND], ou [DOA] quando dicionarizada com outra acepção, sem no entanto fazer o registro da acepção nova;
- etimologia da palavra em itálico;
- nas lexias compostas (arco-da-velha, ovo-de-peru) dá-se a informação etimológica a cada um dos elementos constituintes da frase, mas vale como valor quantitativo apenas o étimo da lexia de base;
- campo semântico, em itálico.

5.1 A CONSTITUIÇÃO DAS SUBÁREAS DIALETAIS DA BAHIA – ASPECTOS LINGUÍSTICOS

5.1.1 Subárea A

A **Subárea A** abrange as mesorregiões 1, 2, 3, 6, 7 (Metropolitana de Salvador, Nordeste baiano, Centro Norte baiano, Centro Sul baiano e Sul baiano).

As lexias encontradas nessa subárea foram: *arco-da-velha*, *binga*, *cacumbu*, *califom*, *gigo*, *neblina*, *ovo-de-peru*, *quipá*, *rodete*, *saqué* e *xambouqueiro*, assim descritas no Glossário:

1. ARCO-DA-VELHA. s.m. Arco-íris (1, 4, 5, 8, 9, 11, 15, 16, 17, 18, 20, 21, 22, 23, 25, 26, 29, 31, 32, 33, 45, 48): *vergão que forma no céu, meio avermelhado e azul* (48). “m.q. arco-íris”. De arco (do latim *arcu*) e velha (feminino substantivado de *velho*), do latim *vetulu*. *Fenômenos atmosféricos*.

2. BINGA. s.m. Recipiente onde se guarda rapé (2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 27, 28, 29, 30, 31): *onde guardam o pó* (27). “Estojo para guardar um isqueiro feito com a ponta de um chifre e uma lasca de pedra”. Do quimbundo *mbinga* ‘chifre’. *Convívio e comportamento social*.

3. CACUMBU. s.m. Ferramenta muito gasta (1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 26, 27, 28, 29): *tudo o que está velho, machado, enxada* (1). “Regionalismo: Brasil. faca, machado, foice, enxada, serrote ou outro utensílio cortante desgastado ou quase imprestável de tanto uso; caxirenguengue”. Do quimbundo *ka* ‘pequeno’ e *kimbu* ‘machado’. *Atividades agropastoris*.

4. CALIFOM. s.m. Sutiã (2, 3, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 13, 14, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 25, 27, 28, 29, 30, 43). “Regionalismo: Nordeste do Brasil. m.q. *sutiã*”. Origem duvidosa. *Vestuário e acessórios*.

5. GIGO. s.m. Lugar onde se prendem galinhas: recipiente para transportá-las (1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 15, 16, 17, 19, 20, 22, 25, 27, 28, 29, 35). *quintalzinho* [entenda-se cercadinho] *de vara pra prender um galo, por exemplo* (27). “Cesto de vime, junco etc., estreito e fundo; cabaz. Regionalismo: Brasil. Engradado de verga ou de junco, revestido de palha na parte interna e usado para transportar louça”. Provavelmente de *giga*, de origem obscura. *Atividades agropastoris*.

6. NEBLINA. s.f. Nevoeiro (1, 3, 4, 5, 7, 11, 13, 19, 22, 25). “Névoa baixa e fechada; nevoeiro”. Do espanhol *neblina*. *Fenômenos Atmosféricos*.

7. OVO-DE-PERU. s.m. Sarda (1, 2, 3, 4, 5, 7, 9, 11, 15, 16, 17, 20, 21, 22, 26, 27, 28, 29). “Pequena mancha cutânea pigmentada; efélide, sarda”. Ovo, do lat. *ovu*. Peru, do topônimo *Peru*. *Corpo humano*.

8. QUIPÁ. s.m. Coceira muito forte: *coceira seca; coceira braba, uma lepra que dá no corpo, coça, febre* (2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 26, 27, 28, 29, 44). [DOA]. Do tupi *ki'pá*. *Corpo Humano*.

9. RODETE. s.m. Peça do aparelho de ralar mandioca (1, 2, 3, 4, 5, 7, 8, 9, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 23, 27, 28, 31, 33, 50). “m.q. *caititu* ('peça principal'), carretel de madeira usado na dobagem dos fios de seda; roda pequena; rodela, rodeta”. De *roda* (latim) + *-ete*. *Atividades Agropastoris*.

10. SAQUÉ. s.f. V. Galinha-d'angola (2, 4, 5, 6, 7, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 22, 23, 27, 28, 29, 30, 34, 35). [ND]. *Fauna*.

11. XAMBOUQUEIRO. adj. De corpo malfeito, desajeitado (1,2, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 11, 12, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 26, 27, 28, 29, 34). “Regionalismo: Nordeste do Brasil. Uso: pejorativo. m.q. chamboqueiro (sem linha no porte, no trajar e/ou no trato; mal-amanhado)”. Variante de *xaboqueiro*, de *xaboque* (origem obscura) e sufixo *-eiro*. Derivado do radical *chamb-* de *chambão* nas acepções 'rude, deselegante, malfeito' ou derivado de *chabouco* + *-eiro*. *Corpo Humano*.

A carta com o traçado de isoglossa vem representada a seguir.

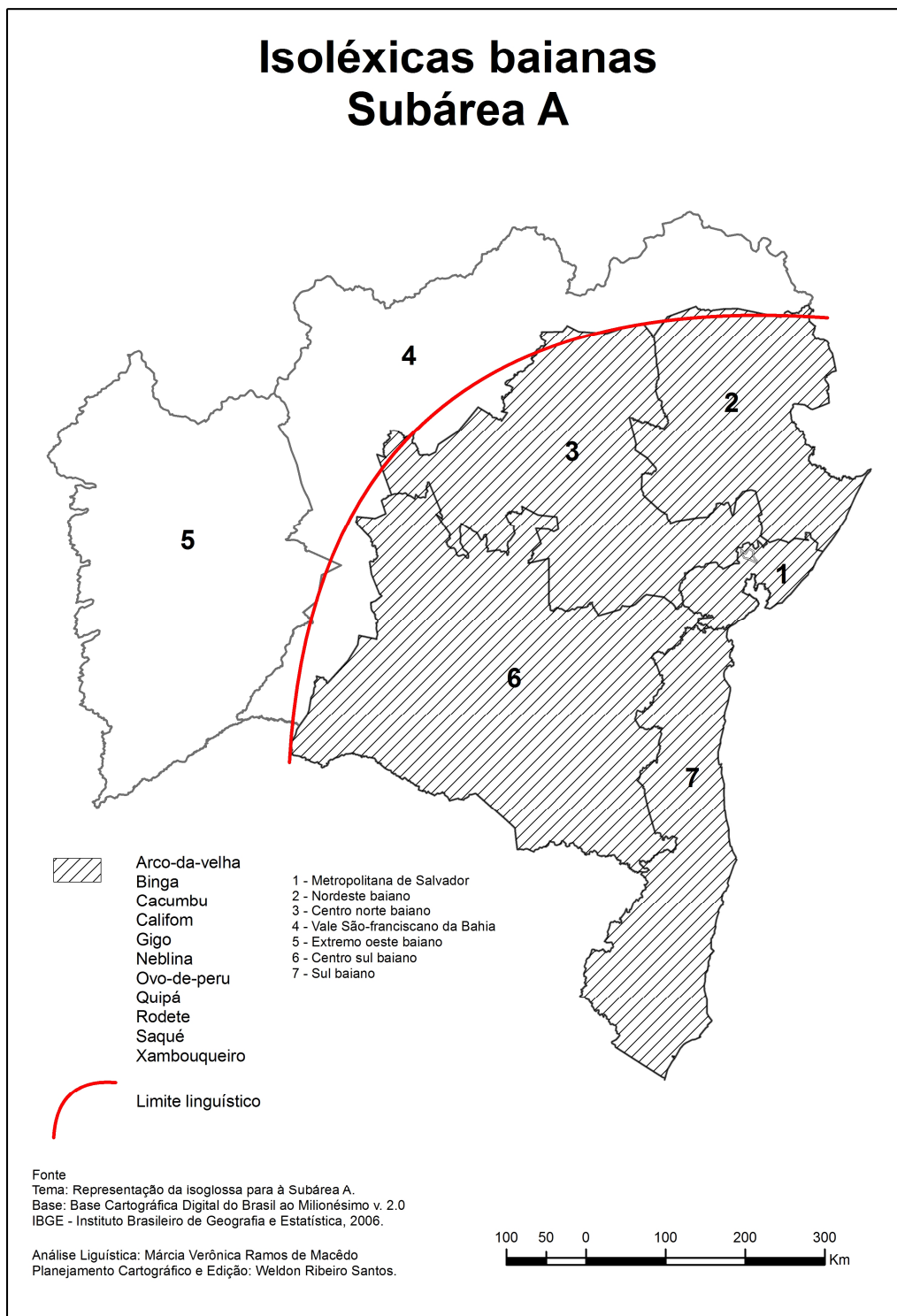


Figura 12 – Carta de isoglossa – Subárea A
 Análise Linguística: Márcia Verônica Ramos de Macêdo
 Elaboração: Weldon Ribeiro Santos, 2012.

5.1.1.1 Configuração da Subárea A

A **Subárea A** apresenta a seguinte configuração:

a) Do ponto de vista da categoria morfológica dos itens lexicais nela contidos, observa-se que 10 são substantivos (90,9%) e 1 é adjetivo (9,1%);

b) Quanto à etimologia dos itens lexicais nela contidos, observa-se que 3 do latim (27,3%), 3 são de origem desconhecida/duvidosa (27,3%), 2 do quimbundo (18,1%), 1 do espanhol (9,1%) e 1 do tupi (9,1%). Além disso, temos 1 (9,1%) item que não se encontra registrado nos dicionários;

c) No que se refere ao campo semântico observa-se que 3 itens lexicais estão relacionados às atividades agropastoris (27,3%), 3 ao corpo humano (27,3%), 2 aos fenômenos atmosféricos (18,1%), 1 ao convívio e comportamento social (9,1%), 1 à fauna (9,1%) e 1 ao vestuário (9,1%).

5.1.2 Subárea B

A **Subárea B** compreende as mesorregiões 2, 3, 6, 7 (Nordeste baiano, Centro Norte baiano, Centro Sul baiano e Sul baiano).

As lexias encontradas nessa subárea foram: *arco-celeste*, *cambueiro*, *catueiro* e *garajau* definidas a seguir:

1. ARCO-CELESTE. s.m. Arco-íris (1, 2, 6, 16, 18, 20, 21, 22, 23, 28, 29, 32, 36, 37, 38, 39, 42, 46, 48, 49). “m.q. arco-íris”. Arco, do lat. *arcu*. Celeste, do lat. *caelestis*, ‘relativo ao céu, celeste’. *Fenômenos atmosférico*

2. CAMBUEIRO. s.m. Chuva ou vento dos fins de setembro; chuva fraca, intermitente, que precede a estiagem (2, 9, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 26, 27, 28, 29, 30, 46): *é os ventos, os temporais que dá nos fins de setembro* (12): *umas chuvinhas fina passageiras* (15): *chuva miúda de fim de setembro* (22). “Regionalismo: Bahia. “Chuva forte que cai antes da época das grandes chuvas; cambueira”. De *cambueiras*, de *camboa*, esteiro que enche com o fluxo do mar” e suf. *-eiro*. *Camboa*, de origem obscura. *Fenômenos atmosféricos*.

3. CATUEIRO. s.m. Designação do boi conforme a idade (4, 7, 12, 14, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 27, 29, 30): *boi criado* (14); *de oito anos em diante* (19). [DOA]. De origem obscura. *Fauna*.

4. GARAJAU. s.m. Utensílio, geralmente de cipó trançado, para abrigar ou prender galinhas (1, 2, 5, 9, 12, 13, 14, 15, 16, 18, 19, 29, 30, 33, 32, 34, 44, 31).“Regionalismo: Brasil. Cesto de cipó resistente, oblongo, sobre uma base quadrada, aberto ao alto, destinado à condução de aves ao mercado”. De possível origem tupi. *Atividades agropastoris*.

A carta com o traçado de isoglossa vem representada a seguir.

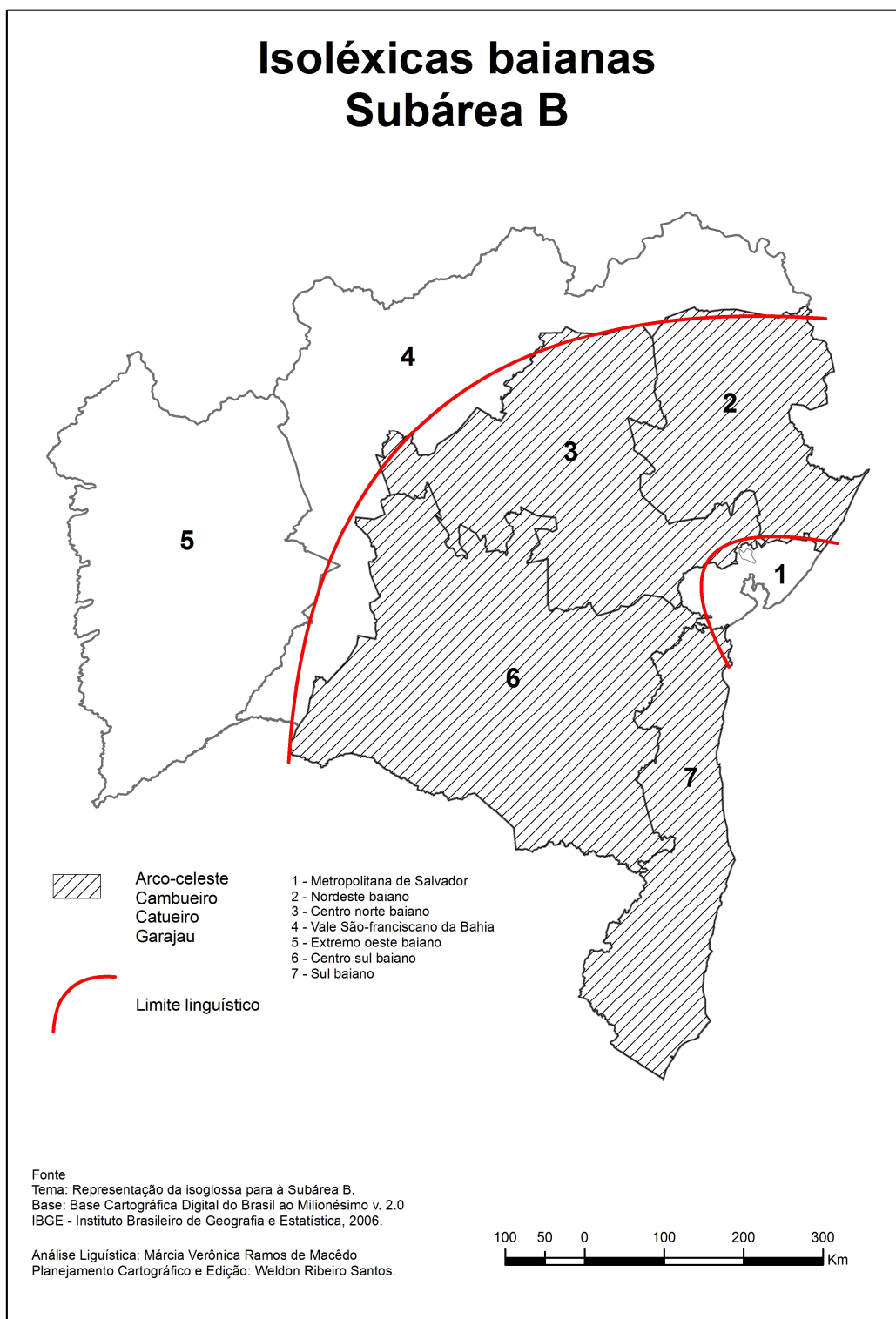


Figura 13 – Carta de isoglossa – Subárea B

Análise Linguística: Márcia Verônica Ramos de Macêdo
 Elaboração: Weldon Ribeiro Santos, 2012.

5.1.2.1 Configuração da Subárea B

A **Subárea B** apresenta a seguinte configuração:

a) Do ponto de vista da categoria morfológica dos itens lexicais nela contidos, todos os 4 itens lexicais levantados são substantivos;

b) Quanto à etimologia dos itens lexicais nela contidos, observa-se que 2 são de origem desconhecida/obscura (50%), 1 é do tupi (25%) e 1 é do latim (25%);

c) No que se refere ao campo semântico, observa-se que 2 itens lexicais estão relacionados a fenômenos atmosféricos (50%), 1 à fauna (25%), 1 às atividades agropastoris (25%).

5.1.3 Subárea C

A Subárea C compreende as mesorregiões 1, 2, 3, 7 (Metropolitana de Salvador, Nordeste baiano, Centro Norte baiano e Sul baiano).

As lexias encontradas foram: *capenga*, *capoeira*, *picenê*, a seguir definidas:

1. CAPENGA. adj. Pessoa que tem a perna mais curta que a outra (1, 3, 4, 5, 6, 7, 12, 15, 16, 17, 19, 28, 29, 49). “Regionalismo: Brasil. Aquele que capenga, puxa da perna; coxo, manco, pernetá”. De origem controversa. *Corpo humano*.

2. CAPOEIRA. s.m. Cesto para transportar ou prender galinhas (3, 4, 5, 6, 7, 9, 15, 17, 19, 20, 27, 28, 33). “Espécie de cesto de varas, emborcado, usado para guardar capões e outras aves”. De *capão* e sufixo *-eira*. Cesto com a boca para baixo, onde se metem *capões*. Capão (frango) do lat. vulg. **cappone* por *capone*. *Atividades agropastoris*.

3. PINCENÊ. s.m. Óculos (1, 3, 5, 6, 7, 13, 15, 30, 32, 38). “Óculos sem haste que se prende ao nariz por meio de uma mola”. Do fr. *pince-nez*. *Vestuário e acessórios*.

A carta com o traçado de isoglossa vem representada a seguir.

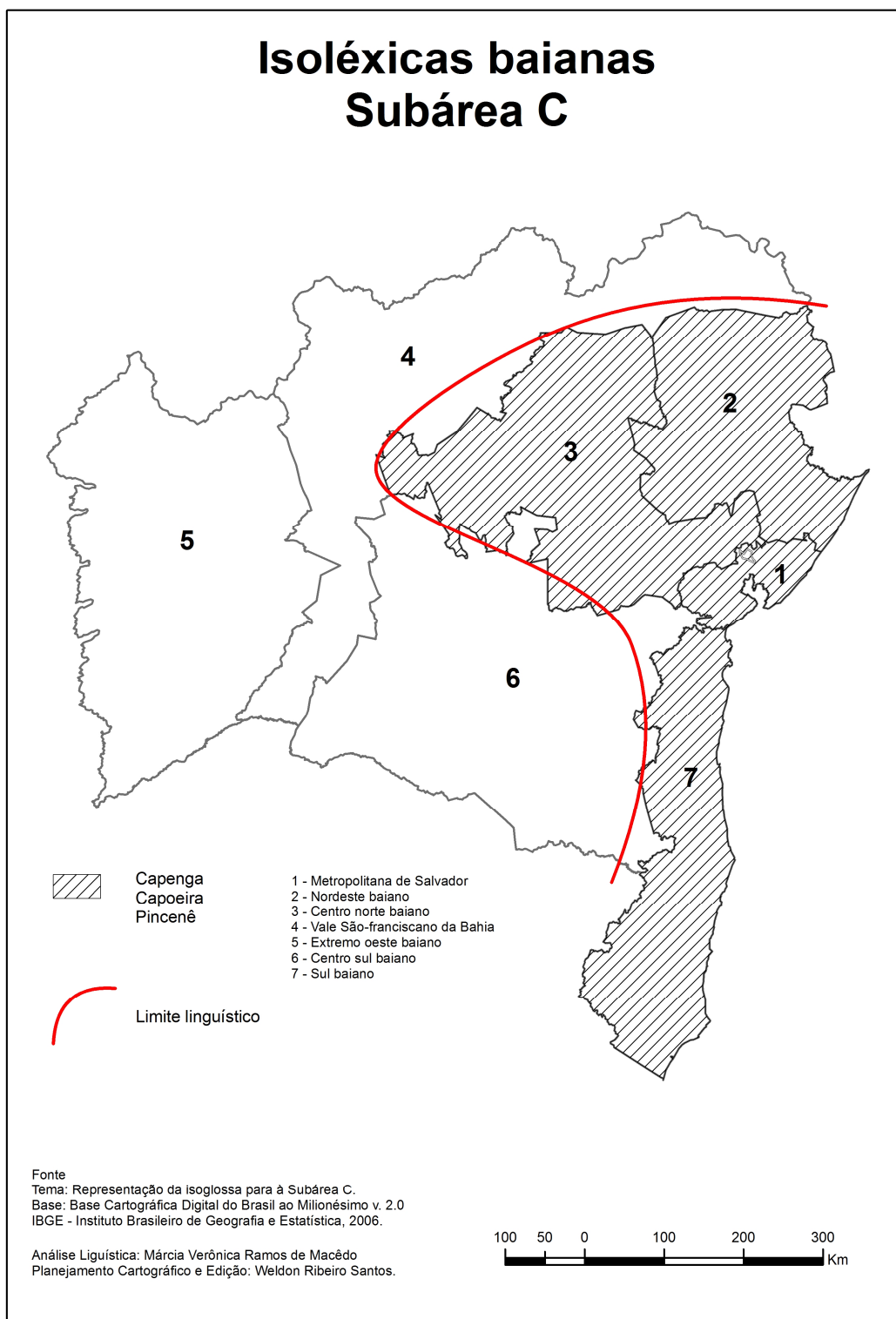


Figura 14 – Carta de isoglossa – Subárea C
 Análise Linguística: Márcia Verônica Ramos de Macêdo
 Elaboração: Weldon Ribeiro Santos, 2012.

5.1.3.1 Configuração da Subárea C

A **Subárea C** apresenta a seguinte configuração:

a) Do ponto de vista da categoria morfológica dos itens lexicais nela contidos, observa-se que 2 são substantivos (66,7%) e 1 é adjetivo (33,3%);

b) Quanto à etimologia dos itens lexicais nela contidos, observa-se que 1 é do latim (33,3%), 1 de origem desconhecida/duvidosa (33,3%) e 1 do francês (33,3%);

c) No que se refere ao campo semântico observa-se que 1 item lexical está relacionado ao corpo humano (33,3%), 1 às atividades agropastoris (33,3%) e 1 ao vestuário e acessório (33,3%).

5.1.4 Subárea D

A **Subárea D** compreende as mesorregiões 1, 2, 3 (Metropolitana de Salvador, Nordeste baiano e Centro Norte).

As lexias encontradas nessa subárea foram: (As) *matinas*, *ginge* e *mazá* definidas a seguir.

1. (As) MATINAS. s.f. Primeiras ou últimas horas do dia (2, 3, 5, 11, 13, 14, 15, 18, 19, 20, 22, 27, 28, 29, 32, 33). “Matina: ato de madrugar; madrugada, matinas. Na liturgia católica, cânticos da primeira parte do ofício divino, geralmente entre meia-noite e o levantar do sol”. É a forma haplológica do latim *matutinas*, *scilicet* horas “horas da manhã”. *Astros e tempo*.

2. GINGE. s.m. Arrepio de nervoso (3, 4, 5, 15, 17, 18, 20, 27, 28, 29). “Regionalismo: Brasil. Uso: informal. Calafrio de emoção; frenesi”. Palavra de formação expressiva. *Corpo humano*.

3. MAZÁ. s.f. Sanguessuga (3, 4, 14, 17, 18, 19, 28, 29). [ND]. *Fauna*.

A carta com o traçado de isoglossa vem representada a seguir.

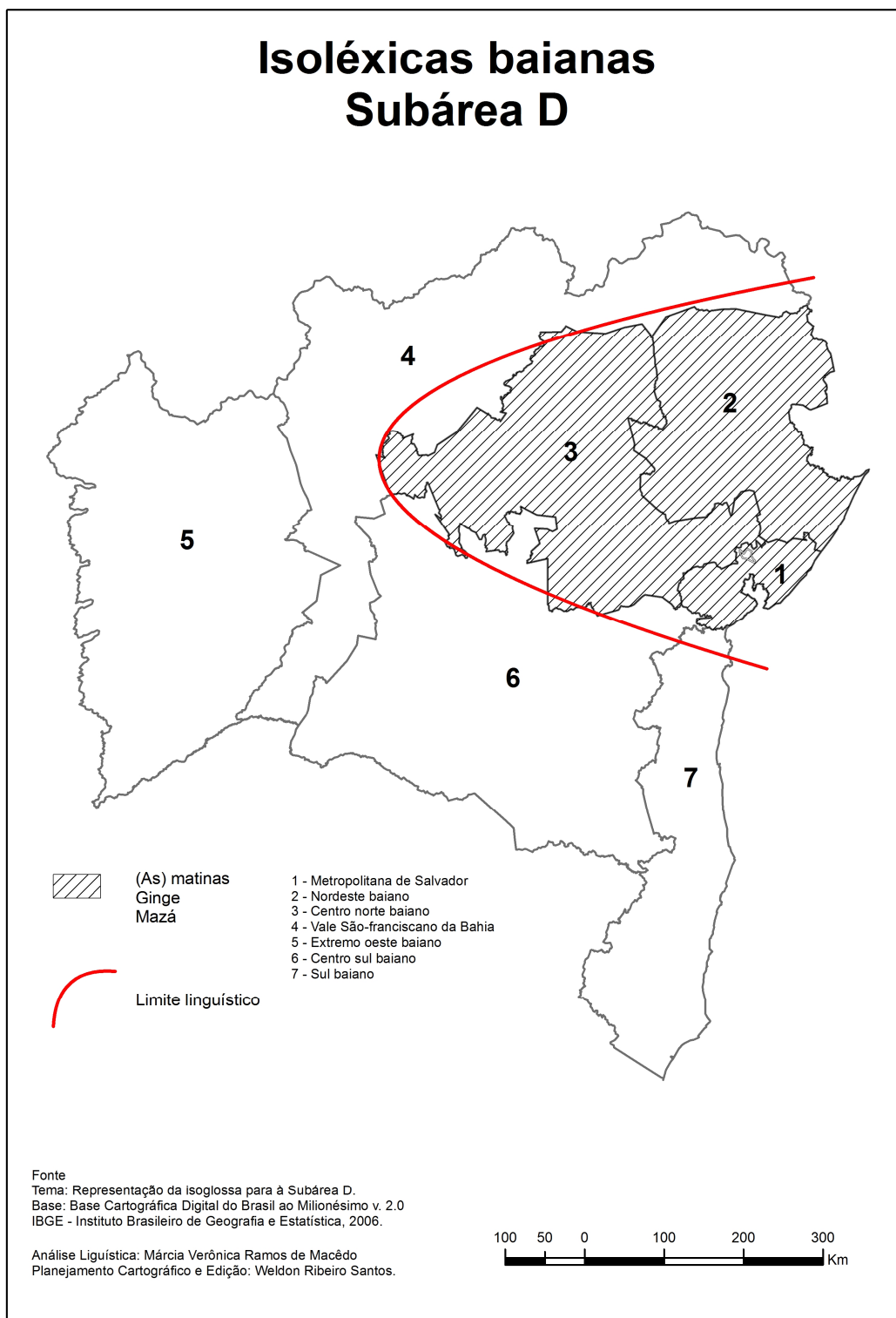


Figura 15 – Carta de isoglossa – Subárea D
Análise Linguística: Márcia Verônica Ramos de Macêdo
Elaboração: Weldon Ribeiro Santos, 2012.

5.1.4.1 Configuração da Subárea D

A **Subárea D** apresenta a seguinte configuração:

a) Do ponto de vista da categoria morfológica dos itens lexicais nela contidos, todos os 3 itens lexicais levantados são substantivos;

b) Quanto à etimologia dos itens lexicais nela contidos, observa-se que 1 é do latim (33,3%), 1 é palavra de formação expressiva (33,3%) e 1 item não se encontra dicionarizado (33,3%);

c) No que se refere ao campo semântico, observa-se que 1 item lexical está relacionado a astros e tempo (33,3%), 1 à fauna (33,3%) e 1 ao corpo humano (33,3%).

5.1.5 Subárea E

A **Subárea E** compreende as mesorregiões 6, 7 (Centro Sul baiano e Sul baiano).

As lexias encontradas foram: *macumbeiro*, *mandraqueiro* e *planeta*.

1. MACUMBEIRO. s.m. Feiticeiro (1, 5, 7, 10, 35, 36, 38). “Que ou aquele que realiza feitiços; feiticeiro”. De macumba + *-eiro*, *macumba*, do quimbundo *ma’kũba*. *Convívio e comportamento social*.

2. MANDRAQUEIRO. s.m. Feiticeiro (8, 9, 10, 11, 12, 21, 25, 28, 41). “Regionalismo: Sul do Brasil, Centro-Oeste do Brasil. m.q. *mandingueiro* ('mago)”. De mandraca (orig.contrv) + *-eiro*. *Convívio e comportamento social*

3. PLANETA. s.m. Estrela cadente (5, 9, 11, 12, 20, 22, 23, 25, 40, 50). “Astro sem luz própria, que reflete a luz do Sol”. Do latim *planeta*. *Astros e tempo*.

A carta com o traçado de isoglossa vem representada a seguir.

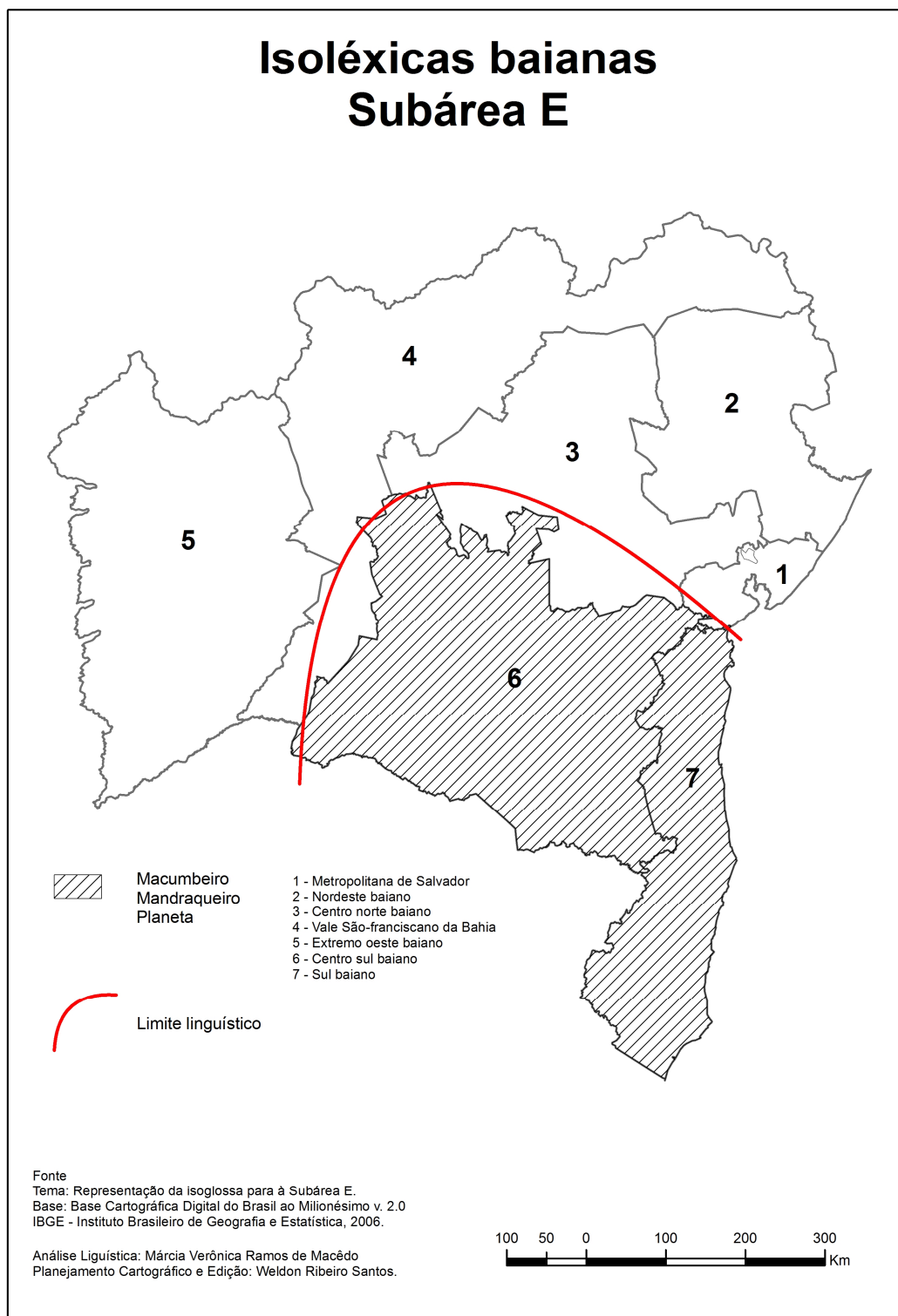


Figura 16 – Carta de isoglossa – Subárea E
 Análise Linguística: Márcia Verônica Ramos de Macêdo
 Elaboração: Weldon Ribeiro Santos, 2012.

5.1.5.1 Configuração da Subárea E

A **Subárea E** apresenta a seguinte configuração:

a) Do ponto de vista da categoria morfológica dos itens lexicais nela contidos, todos os 3 itens lexicais levantados são substantivos;

b) Quanto à etimologia dos itens lexicais nela contidos, observa-se que 1 é do latim (33,3%), 1 é de origem desconhecida/duvidosa (33,3%) e 1 é do quimbundo (33,3%);

c) No que se refere ao campo semântico, observa-se que 2 itens lexicais estão relacionados ao convívio e comportamento social (66,7%) e 1 item a astros e tempo (33,3%).

5.1.6 Subárea F

A **Subárea F** compreende a mesorregião 7 (Sul baiano).

As lexias encontradas foram: *arataca*, *batueira*, *cafubira*, *diarista*, *jornadeiro*, *marola*, *naruega* e *taruíra*.

1. ARATACA. s.f. Tipo de armadilha de caça (7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 21, 39): *para pegar preá* (13). “Armadilha para caçar animais silvestres; arapuca”. Do tupi *ara'taka* ‘o que cai estalando’. *Atividades agropastoris*.

2. BATUEIRA. s.f. Sabugo de milho (11, 12, 50). “Regionalismo: Brasil. m.q. *batuera*; sabugo de milho”. Do tupi *aba'ti* ‘milho’ e ‘*wera* pret. de ser. *Atividades agropastoris*.

3. CAFUBIRA. s.f. Coceira muito forte (10, 12, 25). “Regionalismo: Minas Gerais, Goiás. prurido, coceira muito forte”. Segundo Nei Lopes, provavelmente de orig. banta, comparativo do quicongo *fubila*, com o umbundo *fumbila*. *Corpo humano*.

4. DIARISTA. s.m Trabalhador de enxada em roça alheia (7, 9, 12). “Que ou quem não tem salário fixo, ganhando apenas os dias trabalhados (diz-se de ou trabalhador). De diária (latim *diarius*)+ *-ista*. *Atividades agropastoris*.

5. JORNADEIRO. s.m. Trabalhador de enxada em roça alheia (6, 8, 9, 10, 22). [ND]. *Atividades agropastoris*.
6. MAROLA. s.f. Onda (9, 12, 50). “Regionalismo: Brasil. Ondulação natural na água do mar”. De *mar* + *-ola*. Mar, do latim *mare*. *Acidentes geográficos*.
7. NARUEGA. s.f. Nevoeiro. (10, 25, 50). [N.D.]. *Fenômenos atmosféricos*.
8. TARUÍRA. s.f. Lagartixa (9, 11, 12). [ND]. *Fauna*.

A carta com o traçado de isoglossa vem representada a seguir.

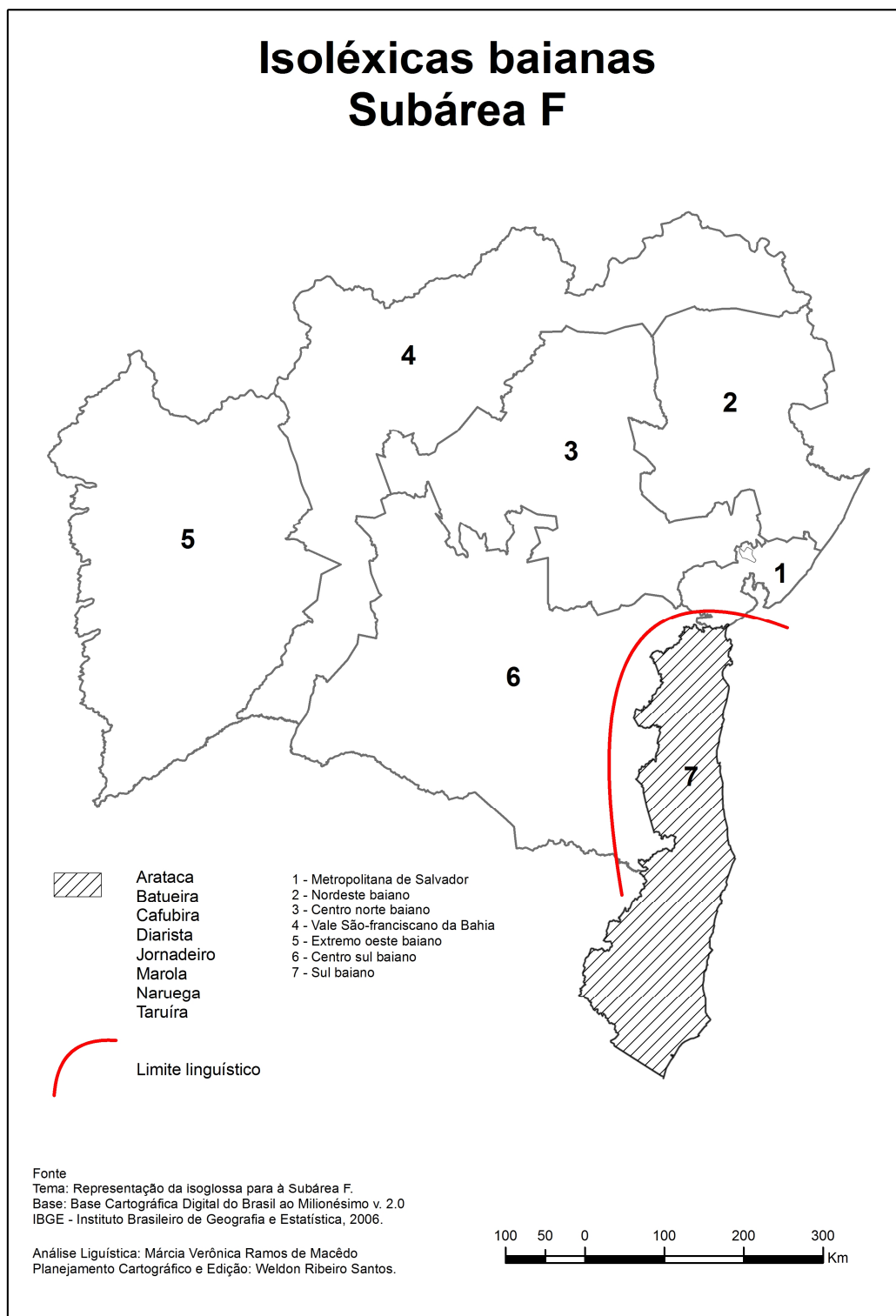


Figura 17– Carta de isoglossa – Subárea F
 Análise Linguística: Márcia Verônica Ramos de Macêdo
 Elaboração: Weldon Ribeiro Santos, 2012.

5.1.6.1 Configuração da Subárea F

A **Subárea F** apresenta a seguinte configuração:

a) Do ponto de vista da categoria morfológica dos itens lexicais nela contidos, observa-se que os 8 itens levantados são substantivos;

b) Quanto à etimologia dos itens lexicais nela contidos, observa-se que 2 são do tupi (25%), 2 do latim (25%) e 1 do banto (12,5%). Além disso, temos 3 itens que não se encontram registrados nos dicionários (37,5%);

c) No que se refere ao campo semântico, observa-se que 4 itens lexicais estão relacionados às atividades agropastoris (50%), 1 à fauna (12,5%), 1 a acidentes geográficos (12,5%), 1 ao corpo humano (12,5%) e 1 item a fenômenos atmosféricos (12,5%).

5.1.7 Subárea G

A **Subárea G** abrange as mesorregiões 3, 4, 6, 7 (Centro Norte baiano, Vale São-Franciscano da Bahia, Centro Sul baiano e Sul baiano).

As lexias encontradas nessa subárea foram: *macaqueiro*, *lavrador* e *quiquio* assim descritas no Glossário:

1. MACAQUEIRO. s.m. Trabalhador de enxada em roça alheia (7, 9, 10, 17, 18, 20, 21, 22, 23, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 33, 34, 35, 36, 42, 43). “Regionalismo: Bahia. Trabalhador rural dos cacauais”. De macaco (de origem africana, étimo indeterminado) + *-eiro*. [C]. *Convívio e comportamento social*.

2. LAVRADOR. s.m. Trabalhador de enxada em roça alheia (6, 10, 12, 20, 21, 24, 28, 31, 38, 40, 41, 42, 44). “Que ou o que lavra terra própria ou de outrem”. De lavrar (do lat. *laborare* ‘trabalhar’) + *-dor*. *Convívio e comportamento social*.

3. QUIQUIO: s.m. Axila (5, 10, 18, 20, 21, 22, 23, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 38, 41, 43, 45, 46, 50). [ND]. *Corpo Humano*.

A carta com o traçado de isoglossa vem representada a seguir

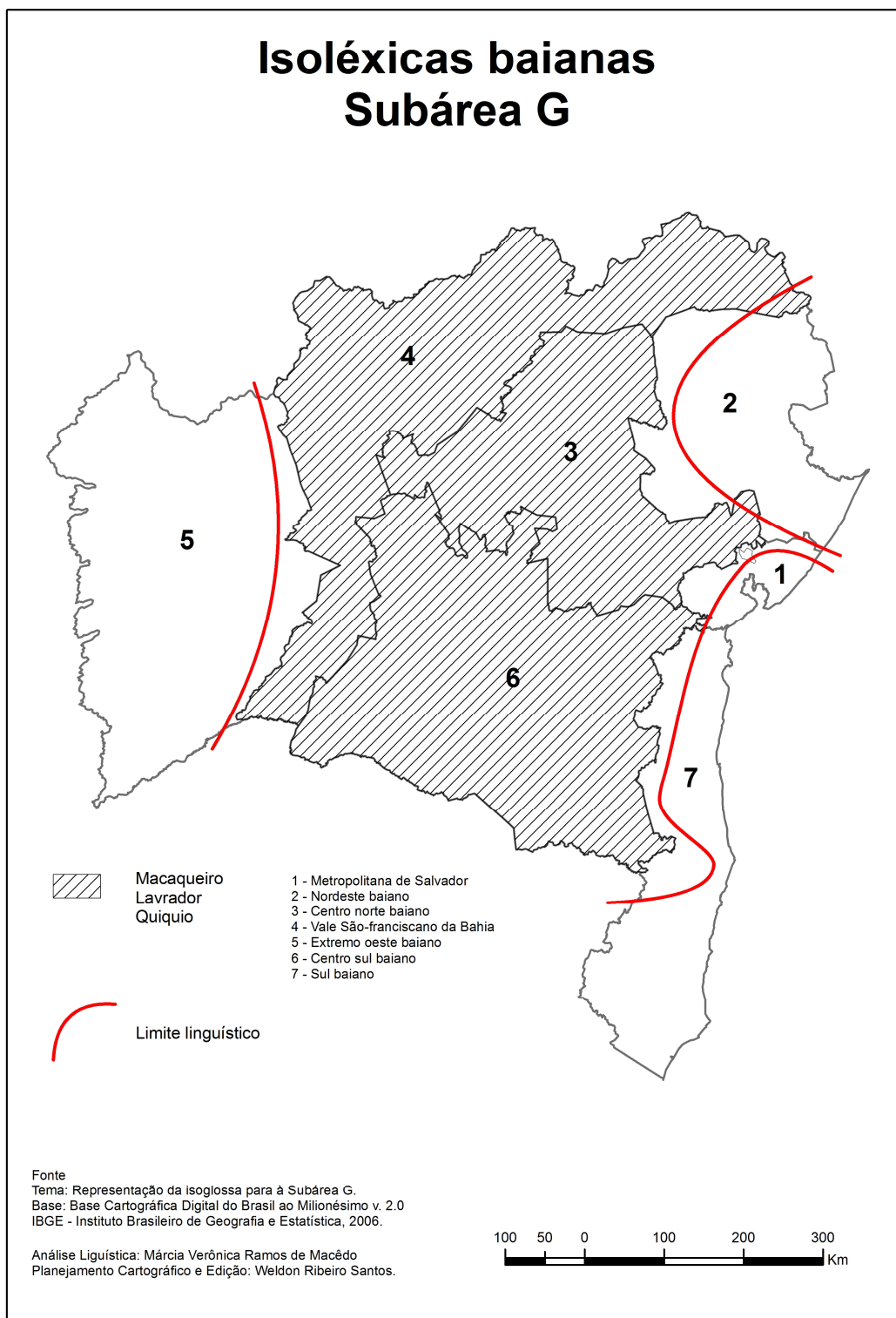


Figura 18 – Carta de isoglossa – Subárea G
 Análise Linguística: Márcia Verônica Ramos de Macêdo
 Elaboração: Weldon Ribeiro Santos, 2012.

5.1.7.1 Configuração da Subárea G

A **Subárea G** apresenta a seguinte configuração:

a) Do ponto de vista da categoria morfológica dos itens lexicais nela contidos, os 3 itens lexicais levantados são substantivos;

b) Do ponto de vista da etimologia dos itens lexicais nela contidos, observa-se que 1 é do latim (33,3%), 1 é de origem obscura/indeterminada (33,3%) e 1 item não se encontra registrado nos dicionários (33,3%);

c) No que se refere ao campo semântico, observa-se que 2 itens lexicais estão relacionados a convívio e comportamento social (66,7%) e 1 item ao corpo humano (33,3%).

5.1.8 Subárea H

A **Subárea H** abrange as mesorregiões 3, 4, 5, 6, 7 (Centro Norte baiano, Vale São-Franciscano da Bahia, Extremo Oeste baiano, Centro Sul baiano e Sul baiano).

As lexias encontradas nessa subárea foram: *cambota*, *cocar* e *sabugo*, assim descritas no Glossário:

1. **CAMBOTA**². adj. Pessoa de pernas arqueadas (10, 11, 20, 21, 22, 23, 25, 29, 30, 37, 39, 40, 41, 42, 46, 48). “Regionalismo: Maranhão, Rio Grande do Sul. m.q. *cambaio* (‘de pernas tortas’, ‘coxo’)”. Da raiz de *camba*, forma aferética de *mucamba*, variante de *mucama*, do *quimbundo mu’kama* “amásia, escrava”. De *camba* (de *cambar*, da raiz céltica **kamb*, com idéia de “curvo”) + *-ota*. *Corpo Humano*.

2. **COCAR**. s.f. V. Galinha-d’angola (7, 8, 9, 10, 11, 12, 21, 23, 25, 27, 28, 30, 32, 39, 40, 41, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50). “Regionalismo: Piauí. m.q. galinha-d’angola”. Ultracorreção por *cocá*, vocábulo onomatopéico do grito da ave. *Fauna*.

3. SABUGO: s.m. Espiga de milho sem grãos (9, 10, 18, 21, 23, 24, 25, 30, 31, 32, 33, 34, 36, 37, 38, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49). “Espiga de milho a que se retiraram os grãos; carolo”. Do lat. *sabucu* ‘sabugueiro’. *Atividades agropastoris*.

A carta com o traçado de isoglossa vem representada a seguir.

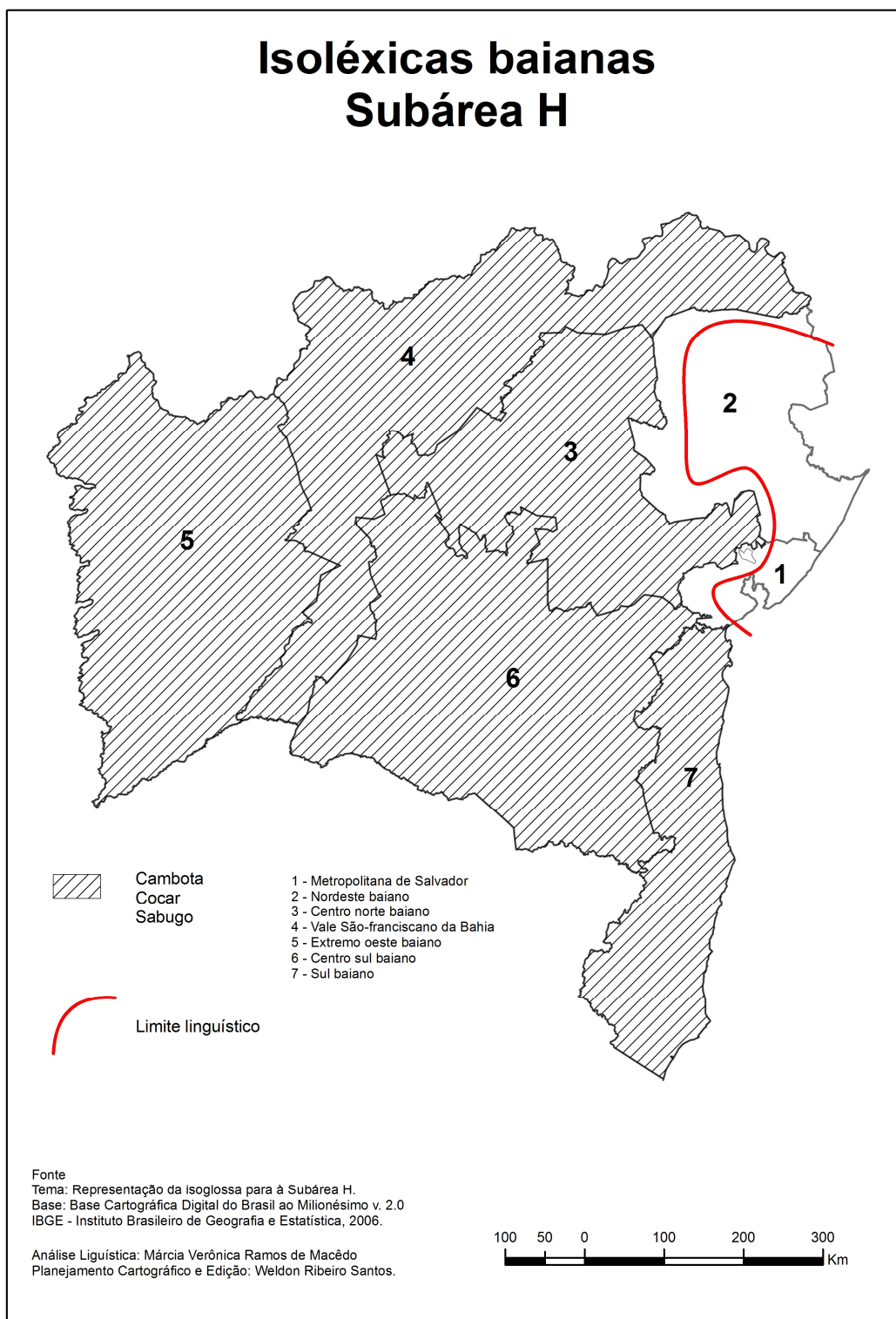


Figura 19 – Carta de isoglossa – Subárea H
 Análise Linguística: Márcia Verônica Ramos de Macêdo
 Elaboração: Weldon Ribeiro Santos, 2012.

5.1.6.1 Configuração da Subárea H

A **Subárea H** apresenta a seguinte configuração:

a) Do ponto de vista da categoria morfológica dos itens lexicais nela contidos, observou-se que 2 são substantivos (66,7%) e 1 item é adjetivo (33,3%);

b) Do ponto de vista da etimologia dos itens lexicais nela contidos, observa-se, que 1 é do latim (33,3%), 1 é do quimbundo (33,3%) e 1 item é vocábulo onomatopéico (33,3%);

c) No que se refere ao campo semântico observa-se, que 1 item lexical refere-se às atividades agropastoris (33,3%), 1 ao corpo humano (33,3%) e 1 à fauna (33,3%).

5.1.9 Subárea I

A **Subárea I** abrange as mesorregiões 3, 4 (Centro Norte baiano, Vale São-Franciscano da Bahia).

As lexias encontradas nessa subárea foram: *pataqueiro*, *moleque*, *somar* e *vassoura*, assim descritas no Glossário:

1. MOLEQUE. s.m. Local onde se põe o feijão a secar (3, 13, 14, 17, 18, 19, 29). [DOA]. *Atividades agropastoris*.

2. PATAQUEIRO. s.m. Trabalhador de enxada em roça alheia: *no tempo das patacas, para ganhar patacas* (13,14,15,16,17,19,26). “Regionalismo: Nordeste do Brasil. Uso: pejorativo. Apelido dado pelos cassacos das estradas de ferro aos lavradores”. De pataca (de orig. incerta) + *-eiro*. *Convívio e comportamento social*.

3. SOMAR. v. Arrumar, amontoar, reunir (2, 3, 21,13): *arrumar o fumo* (3). “Juntar em um mesmo conjunto”. De *soma* (adição, do lat. *summa*) + *-ar*. *Convívio e comportamento social*.

4. VASSOURA. s.f. Meretriz (2, 7, 13, 15, 16, 17, 18, 20). [DOA]. Do lat. *versoria*. *Convívio e comportamento social*.

A carta com o traçado de isoglossa vem representada a seguir.

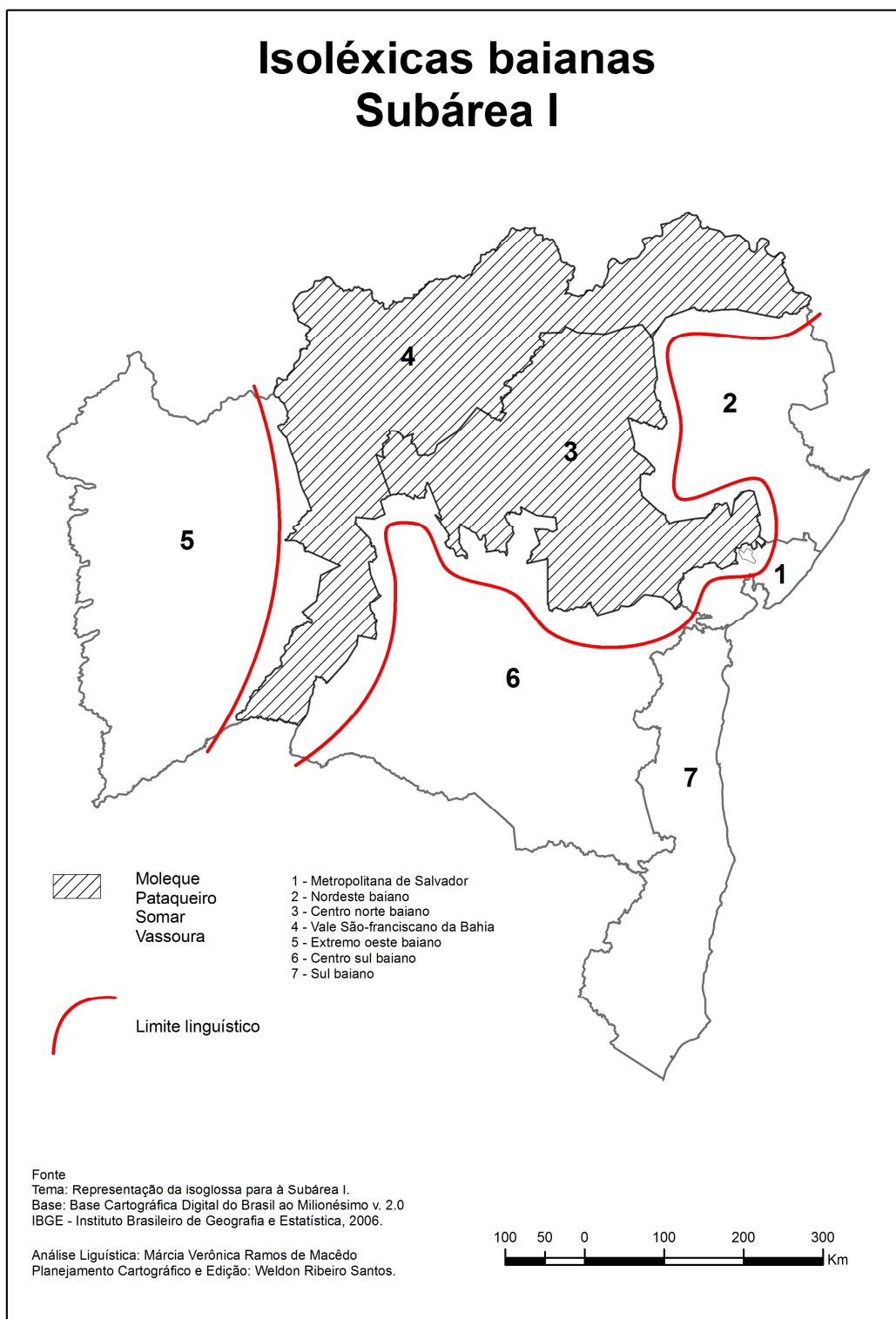


Figura 20 – Carta de isoglossa – Subárea I
 Análise Linguística: Márcia Verônica Ramos de Macêdo
 Elaboração: Weldon Ribeiro Santos, 2012.

5.1.9.1 Configuração da Subárea I

A **Subárea I** apresenta a seguinte configuração:

a) Do ponto de vista da categoria morfológica dos itens lexicais nela contidos, observou-se que 3 são substantivos (75%) e 1 item é verbo (25%);

b) Do ponto de vista da etimologia dos itens lexicais nela contidos, observa-se que 2 são do latim (50%), 1 é de étimo desconhecido (25%) e 1 item está dicionarizado com outra acepção (25%);

c) No que se refere ao campo semântico, observa-se que 3 itens dizem respeito ao convívio e comportamento social (75%) e 1 item às atividades agropastoris (25%).

5.1.2 Síntese dos dados linguísticos das Cartas de Subáreas – Isoléxicas baianas de A a I

Considerando-se os 42 itens semântico-lexicais de subáreas com traçado de isoglossas e analisados sob os aspectos linguísticos mencionados, observou-se que:

- 1) Em relação à classificação morfológica, as lexias constituem-se, majoritariamente, de substantivos (39 ocorrências), seguidas de adjetivos (2) e de verbo (1), conforme Gráfico 8, a seguir.

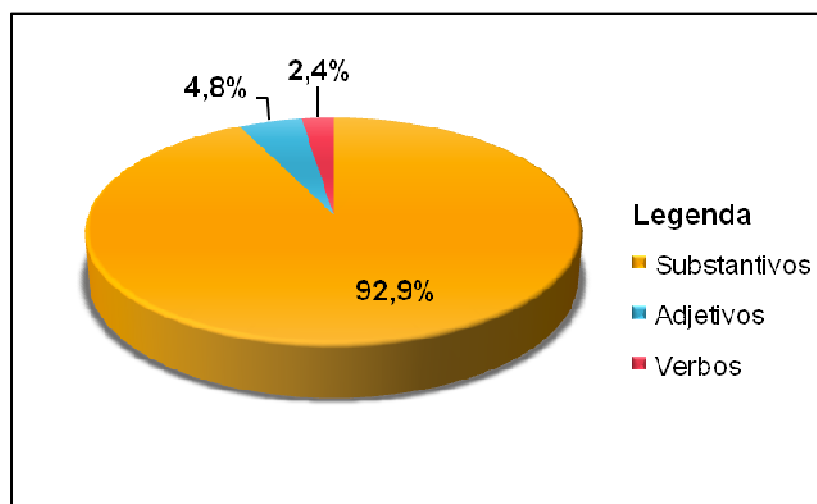


Gráfico 8 – Classificação morfológica – Subáreas de A a I

2) No tocante à classificação etimológica, observou-se que o étimo das lexias, por registros de frequência, são: do latim (13), de origem desconhecida/duvidosa (9), das línguas africanas (5); do tupi (4); línguas neolatinas (2). Além dessas, tem-se seis lexias não dicionarizadas (*saqué, mazá, jornadeiro, taruíá, naruega, quiquio*), uma palavra de formação expressiva (*ginge*), um vocábulo onomatopéico (*cocar*) e uma lexia dicionarizada com outra acepção (*moleque*), conforme Gráfico 9, a seguir.

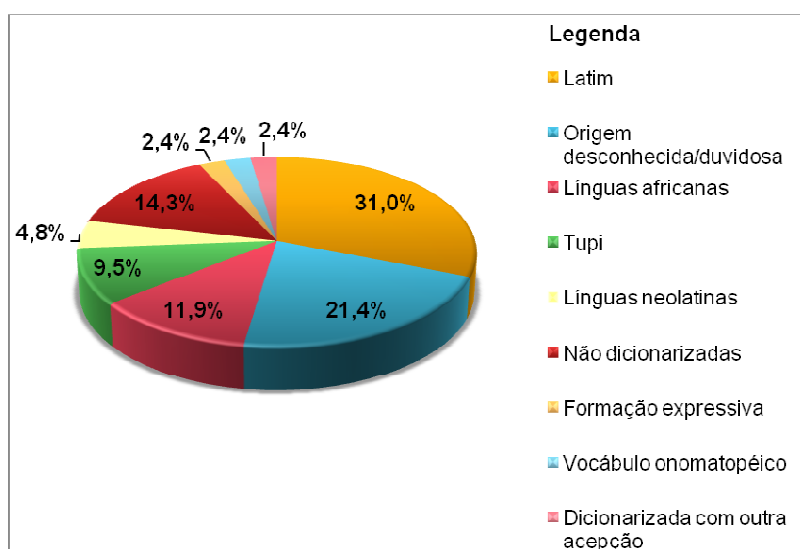


Gráfico 9 - Classificação etimológica – Subáreas de A a I

3) No que se refere ao campo semântico, observa-se que os 3 campos semânticos de maior frequência dizem respeito às *atividades agropastoris* (11), ao convívio e comportamento social (8) e ao *corpo humano* (8). Em seguida, têm-se os campos *fenômenos atmosféricos* (6), *fauna* (4), os campos *astros e tempo* e *vestuários e acessórios*, cada um com duas ocorrências e, por fim, *acidentes geográficos* com somente uma ocorrência, conforme Gráfico 10, a seguir.

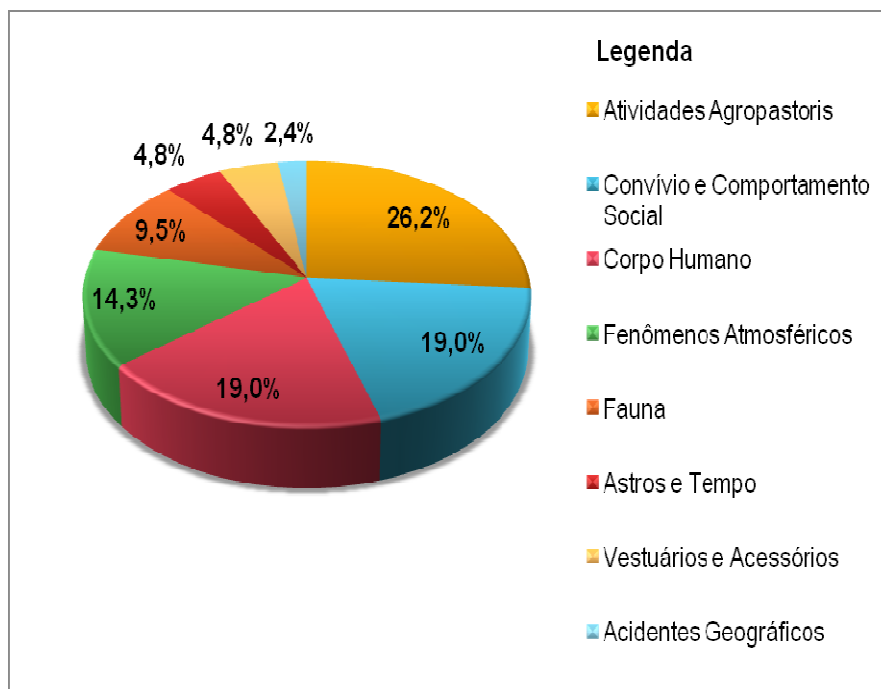


Gráfico 10 - Classificação por campo semântico – Subáreas de A a I

5.2 A CONSTITUIÇÃO DAS SUBÁREAS DIALETAIS DA BAHIA – ASPECTO EXTRALINGUÍSTICO:

No que concerne ao aspecto extralinguístico foi considerada a variação diatópica.

A variação diatópica é um aspecto que não poderíamos deixar de enfatizar uma vez que a geolinguística assume a diatopia como uma de suas principais características. É preciso que se compreenda que, ao estudarmos a linguagem, além do aspecto diatópico, devemos levar em consideração as variáveis sociais, como gênero, faixa etária, nível de escolaridade, entre outros.

Como afirmam Contini e Tuillon (1996, p. 7 apud Cardoso, 2010, p. 67): “A Dialectologia tem por finalidade, essencial estudar a variação geolinguística”. E como assinala Cardoso (2000, p. 415):

[...] a geolinguística hoje, deve continuar a priorizar a variação diatópica, abrindo, porém, espaço para o controle de outras variáveis como gênero, idade e escolaridade, sem a busca obcecante da quantificação, mas tomando-as, de forma exemplificativa e não exhaustiva, de modo a complementar os próprios dados areais.

O *Atlas Prévio dos Falares Baianos – APFB*, que serviu de *corpus* para esse estudo, inaugurou no Brasil a aplicação do método geolinguístico. O *APFB* é um atlas que recobre uma dada região, daí ser um atlas regional que tem, geralmente, por objetivo o exame de áreas menores, procurando detalhar o conhecimento de regiões específicas. Trata-se de um atlas de primeira geração, pois expõe, através de cartas, de modo geral, onomasiológicas, os resultados coletados, acrescentando notas e ilustrações que completem as informações julgadas relevantes.

Nesse sentido, buscou-se, identificar as subáreas dialetais na região da Bahia, através de um agrupamento dos itens semântico-lexicais de subáreas, obtendo-se, assim, 9 cartas de isoglossas que possibilitaram o reconhecimento de possíveis áreas dialetais no território baiano. Para tal, tomaram-se como base as 7 mesorregiões geográficas do Estado da Bahia definidas pelo IBGE e identificaram-se 9 regiões linguísticas.

Desse modo, no conjunto das variantes examinadas, há aquelas que se caracterizam pela significativa presença em determinadas áreas como, por exemplo, no sul baiano (*arataca, taruíra, naruega*), no oeste (*cambota, cocar, sabugo*), no centro norte (*arco-celeste, arco-da-velha, binga*) e assim sucessivamente. Há, ainda, aquelas que, distribuídas diatopicamente, estão presentes em grande parte do território (*tauá, pábulo, borocotó*). Para dar uma ideia desse quadro, apresentaremos, a título de ilustração, um mapa síntese e uma tabela com especificação das ocorrências que mostram a incidência de itens lexicais por mesorregião, a partir do que está documentado como ocorrência de cada uma das subáreas linguísticas.

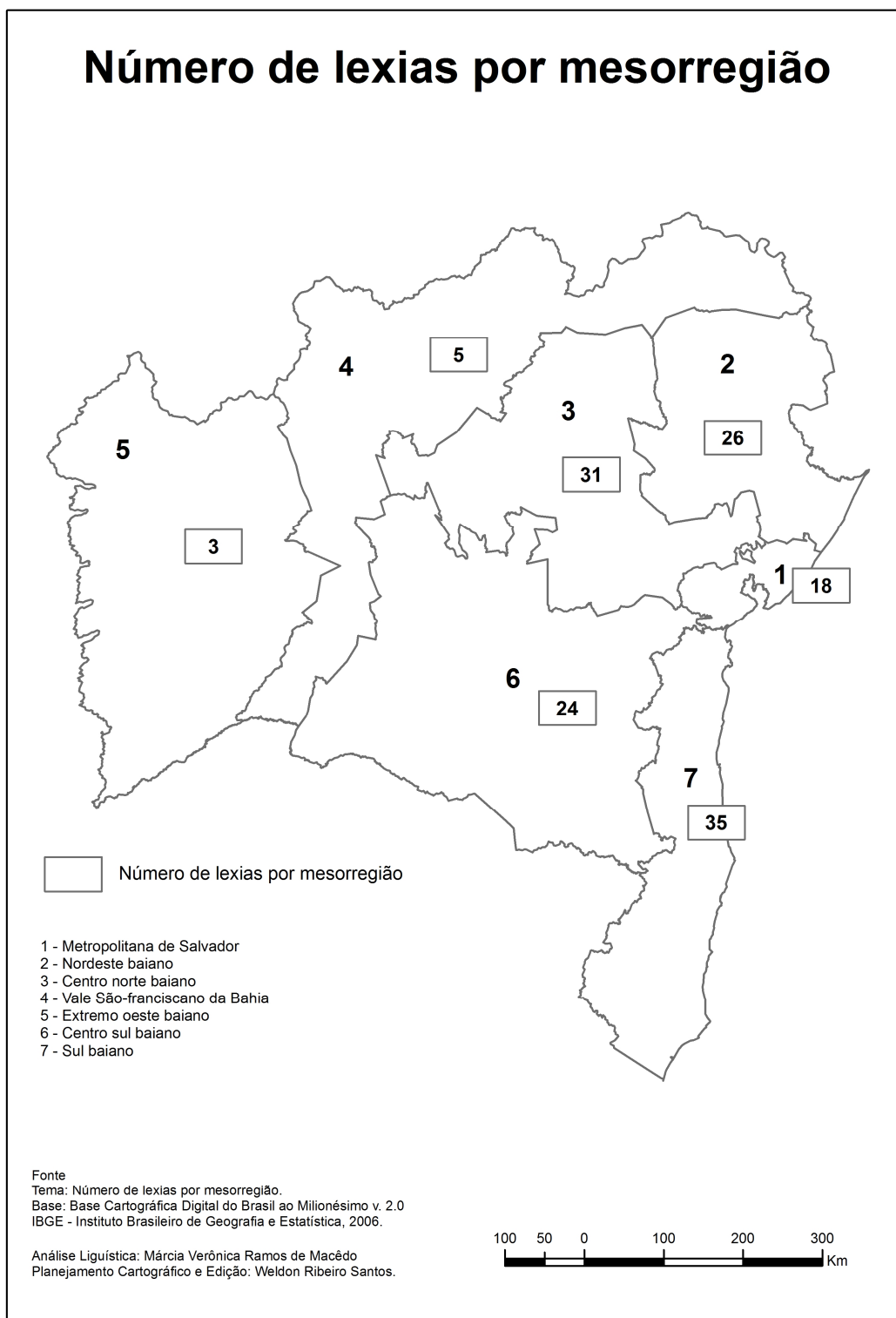


Figura 21– Número de lexias por mesorregião
 Análise Linguística: Márcia Verônica Ramos de Macêdo

Nº de Ord.	ITENS LEXICAIS	MESORREGIÕES						
		1	2	3	4	5	6	7
1	(As) matinas	X	X	X	-	-	-	-
2	Arataca	-	-	-	-	-	-	X
3	Arco-celeste	-	X	X	-	-	X	X
4	Arco-da-velha	X	X	X	-	-	X	X
5	Batueira	-	-	-	-	-	-	X
6	Binga	X	X	X	-	-	X	X
7	Cacumbu	X	X	X	-	-	X	X
8	Cafubira	-	-	-	-	-	-	X
9	Califom	X	X	X	-	-	X	X
10	Cambota	-	-	X	X	X	X	X
11	Cambueiro	-	X	X	-	-	X	X
12	Capenga	X	X	X	-	-	-	X
13	Capoeira	X	X	X	-	-	-	X
14	Catueiro	-	X	X	-	-	X	X
15	Cocar	-	-	X	X	X	X	X
16	Diarista	-	-	-	-	-	-	X
17	Garajau	-	X	X	-	-	X	X
18	Gigo	X	X	X	-	-	X	X
19	Ginge	X	X	X	-	-	-	-
20	Jornadeiro	-	-	-	-	-	-	X
21	Lavrador	-	-	X	X	-	X	X
22	Macaqueiro	-	-	X	X	-	X	X
23	Macumbeiro	-	-	-	-	-	X	X
24	Mandraqueiro	-	-	-	-	-	X	X
25	Marola	-	-	-	-	-	-	X
26	Mazá	X	X	X	-	-	-	-
27	Moleque	-	X	X	-	-	-	-
28	Naruega	-	-	-	-	-	-	X
29	Neblina	X	X	X	-	-	X	X
30	Ovo-de-peru	X	X	X	-	-	X	X
31	Pataqueiro	-	X	X	-	-	-	-
32	Pincenê	X	X	X	-	-	-	X
33	Planeta	-	-	-	-	-	X	X
34	Quipá	X	X	X	-	-	X	X
35	Quiquio	X	X	X	-	-	X	X
36	Rodete	X	X	X	-	-	X	X
37	Sabugo	-	-	X	X	X	X	X
38	Saqué	X	X	X	-	-	X	X
39	Somar	-	X	X	-	-	-	-
40	Taruíra	-	-	-	-	-	-	X
41	Vassoura	-	X	X	-	-	-	-
42	Xambouqueiro	X	X	X	-	-	X	X
Total		18	26	31	5	3	24	35

Quadro 11 – Distribuição de lexias por mesorregiões, a partir dos dados das cartas léxicas

Com base no Quadro 11, observa-se que a mesorregião 7 (Sul baiano) é a que apresenta o maior número de ocorrências dos itens semântico-lexicais, num total de 35, seguido das mesorregiões: 3 (Centro Norte baiano) com 31 ocorrências, 2 (Nordeste baiano) com 26 ocorrências, da mesorregião 6 (Centro Sul baiano) com 24 ocorrências. As mesorregiões 1 (Metropolitana de Salvador), 4 (Vale São-Franciscano da Bahia) e 5 (Extremo Oeste baiano) foram as que apresentaram o menor número de ocorrências, com 18, 5 e 3 respectivamente.

É oportuno ressaltar que uma menção aos fatos históricos poderá despertar o interesse para um estudo futuro. Os fatores sócio-históricos da região da Bahia perpassam pelo domínio de sua formação com a chegada dos portugueses, em Porto Seguro, em 1500, até os dias atuais. Oficialmente o Brasil foi descoberto pelos europeus em 22 de abril de 1500 pelo navegador português Pedro Álvares Cabral, que, no comando de uma esquadra com destino à Índia, chegou ao litoral sul da Bahia, na região da atual cidade de Porto Seguro, mais precisamente no distrito de Coroa Vermelha, onde foi realizada a primeira missa no Brasil. A partir de 1530, a Coroa Portuguesa implementou uma política colonizadora, inicialmente com as capitanias hereditárias, depois com o Governo-Geral, instalado em 1548 na cidade de Salvador.

Assim, com a chegada dos primeiros portugueses ao Brasil, a região baiana começou a ser povoada na primeira metade do século XVI e através da penetração no território, descobriu-se a existência de matéria-prima como o pau-brasil, que passou a ser largamente explorada, atraindo desde comerciantes portugueses a contrabandistas europeus, em especial, os franceses. A partir daí, várias incurções ocorreram com a chegada dos portugueses interessados nas 'novas terras'.

Desse modo, gradualmente, o território baiano atual foi colonizado, povoado e conquistado por expedições denominadas de Entradas, as quais partiam de Salvador, Ilhéus e Porto Seguro em direção ao interior do estado. Saiam do litoral em direção ao norte/nordeste brasileiro, subindo os rios São Francisco, de Contas, Paraguaçu, Grande e Verde, e desbravaram o interior da Bahia e os territórios do Piauí, Minas Gerais e Maranhão.

Assim, durante os séculos XVI e XVII, apesar dessas explorações do território terem ocorrido, particularmente, com o intuito de povoar e reconhecer as terras descobertas, foram de grande importância para o reconhecimento inicial da geografia, da hidrografia, da fauna, da flora e dos minerais da Bahia, além de ter ajudado bastante na demarcação do território baiano, estabelecendo os limites com seus estado vizinhos.

Enfim, compreende-se que o território do estado da Bahia foi povoado ao longo desses quinhentos e onze anos por três grupos étnicos: os índios, que já habitavam aqui na época do descobrimento, os europeus (franceses, portugueses, holandeses), primeiros colonizadores, e os africanos trazidos da costa ocidental e de outras áreas da África, para servirem de mão de obra escrava. (TAVARES, 2008, p. 16). Desse modo, constata-se que a influência do português, do índio e do negro no léxico, durante o período colonial, resulta da significativa presença desses três elementos como constituintes da base da população brasileira. Mas, no que se refere à cultura, a contribuição do português foi de longe a mais importante (TEYSSIER, 2004, p. 94).

Tomando por base o processo de colonização do território baiano, percebe-se que o povoamento se deu do sul baiano indo para o interior. Santa Cruz Cabralia, por exemplo, foi a região na qual chegaram os primeiros colonizadores, dirigindo-se depois para as demais regiões como nordeste, centro norte, centro sul e as demais mesorregiões baianas.

Tal fato, pode explicar a razão pela qual a região sul da Bahia apresenta um maior número de ocorrências registradas (35), seguida do centro norte (31), da região nordeste (26) e metropolitana (18) que se identificam como subáreas dialetais 7, 3, 2 e 1, respectivamente. Assim, pode-se afirmar, como consta na Figura 21 – Número de lexias por mesorregião, que as regiões que apresentam a maior convergência das formas selecionadas para constituírem as subáreas linguísticas, estão concentradas nas mesorregiões 7 e 3. Considerando ser a região sul (7), especificamente, a primeira a ser povoada, infere-se que a mesma pode ser considerada como centro difusor do léxico baiano expandindo o mesmo para as demais mesorregiões, e, conseqüentemente, para as subáreas linguísticas, em especial o Centro norte, Nordeste e Centro sul.

As mesorregiões 4 (Vale São-Franciscano da Bahia) e 5 (Extremo Oeste baiano) foram as que apresentaram um número mínimo de itens semântico-lexicais, 5 e 3, respectivamente, em função, possivelmente, da própria constituição do questionário aplicado no *APFB*, fundamentado na aplicação experimental de um questionário mais amplo nas localidades de Bom Despacho, Tanquinho, São Vicente e São José das Itaporocas, sem dados das áreas mais afastadas, regiões essas que são distanciadas do grande centro (Salvador) e das áreas costeiras.

Além disso, observou-se que os étimos das lexias dessas regiões que apresentam maior predominância¹ são: 1) da região sul baiano: do latim (10), seguido das línguas africanas (5), do tupi (4), e das línguas neolatinas (2). Há, ainda, as lexias com étimo desconhecido com 8 ocorrências, 5 lexias não registradas nos dicionários e uma palavra onomatopéica. Da região centro norte baiano, são: do latim (10), das línguas africanas (3), do tupi (2), das línguas neolatinas (2). Além disso, há as lexias com étimo desconhecido/obscuro (8), as não dicionarizadas (3), dicionarizada com outra acepção (1), palavra de formação expressiva (1) e palavra onomatopéica (1).

Observando a questão da sócio-história, veremos que os povos que habitavam a Bahia da época eram, em grande maioria, compostos de indígenas, os quais quase foram destruídos, tanto por guerras quanto por doenças transmitidas pelos europeus. Contudo, sua contribuição se faz presente em diversos aspectos da cultura baiana, nas tribos que ainda sobreviveram ao massacre de seus antepassados e nos descendentes que tiveram com portugueses e africanos. Com a chegada dos europeus e africanos, originaram-se vários tipos de mestiços, que estão na variedade colorida do povo baiano, de homens e mulheres que realizaram o povoamento das diversas regiões do território da Bahia. (TAVARES, 2008, p. 17). O português contribuiu com o maior e mais expressivo contingente humano para a formação do povo baiano. Marcou as linhas de sua cultura, a começar da língua falada e escrita (*idem*, p. 68). A

¹ Salienta-se que com a denominação 'predominância' quer se indicar o maior número de ocorrência na(s) subárea(s), sem com isso fazer-se uma afirmação de caráter mais geral e de abrangência.

contribuição cultural africana para a cultura baiana dá-se no vocabulário, na culinária, nos costumes e na religião, o que para muitos autores é o resíduo principal dessa cultura (*idem*, p. 61). Por outro lado, as culturas do Tupi, do Jê e do Kariri quando comparadas às culturas dos europeus e dos africanos aparecem em defasagem. No entanto, elas valem nos seus estágios históricos e são legítimos em cada um deles.

O índio do litoral baiano, por exemplo, recebeu o europeu sem hostilidade, indicou-lhe fontes d'água potável, colaborou na construção de tapumes de barro e casa de taipa da primitiva cidade de Salvador. No entanto, o colono europeu queria o índio para o trabalho escravo, o qual ele desconhecia por suas próprias características de vida.

De acordo com Tavares (2008, p. 25) a contribuição da cultura material indígena à vida baiana foi

bem maior do que se conhece, com destaque para o hábito de ficar ou dormir na rede, muito comum na Bahia. No artesanato, temos a cerâmica, com as gamelas, talhas, potes e moringas de barro e os enfeites com penas de aves. Na alimentação, o uso de raízes comestíveis como aipim, inhame e batata doce. O índio ensinou ao europeu a técnica de conservação de alimentos denominada de moquém.

A menção a esses fatos históricos tem em vista justificar o rol de lexias que compõem as cartas de isoglossas, ou isoléxicas baianas, tanto as de origem latina, como as de origem africana e do tupi.

Além do étimo, temos os campos semânticos predominantes:

i) na mesorregião 7 – Sul baiano: atividades agropastoris (12), corpo humano (7) e fenômenos atmosféricos (5), fauna (4) e convívio e comportamento social (3), vestuário e acessórios (2) e astros e tempo e acidentes geográficos (ambos com 1);

ii) na mesorregião 3 – Centro Norte baiano: atividades agropastoris (10) e corpo humano (7), convívio e comportamento social (3), fauna e fenômenos atmosféricos (ambos com 4), vestuário e acessórios (2) e astros e tempo (1).

Por tudo que se pode constatar com os dados estudados, é mister afirmar que há, no Brasil, uma certa diversidade geográfica. Os estudiosos da dialetologia brasileira empenham-se em concretizar o grande desejo de

Nascentes em elaborar o Atlas Linguístico do Brasil, hoje em execução, visando dar uma “fotografia” dos dialetos brasileiros, à semelhança do que se tem feito em outros países da Europa e da América Latina. Nascentes (1953) já falava em um “falar” do Norte e outro do Sul. A realidade, porém, é que há dificuldades em se delimitar fronteiras dialetais, sobretudo tomando por base o léxico, uma vez, que no Brasil, “as divisões dialetais são menos geográficas que socioculturais” (TEYSSIER, 2004, p. 98). Segundo esse autor,

as diferenças na maneira de falar são maiores, num determinado lugar, entre um homem culto e o vizinho analfabeto que entre dois brasileiros do mesmo nível cultural originários de duas regiões distantes uma da outra. A dialetologia brasileira. Será, assim, menos *horizontal* que *vertical*. (*idem*).

Enfim, os estudos dialetológicos a respeito da constituição de subáreas dialetais ainda são insuficientes, seja pela natureza da amostra ou pela insuficiência de dados referentes a algumas áreas ou pela heterogeneidade dos dados.

Mota (2006, p. 351) afirma, com base em dados fonéticos, que “o falar baiano”, ora integra-se entre os falares do Norte, ora apresenta-se com variantes dos dois falares (Norte e Sul).

Em se tratando do estudo em questão, é incipiente afirmar que o “falar baiano” encontra-se categoricamente num ou noutro falar, haja vista que *a linguagem faz-se e refaz-se na boca do falante*, e pode diatopicamente expandir-se para um ou outro território, dependendo do contexto.